

## A REVISTA *ORPHEU* E O BRASIL

---

ARNALDO SARAIVA

---

### RESUMO

*Orpheu*, a primeira e mais relevante revista do modernismo português, pretendia ser uma publicação luso-brasileira: fora projetada no Brasil, tinha um codiretor brasileiro e devia ser vendida também no Brasil. Todavia, cada um dos seus dois números só teve um colaborador brasileiro (no terceiro que, impresso, não chegou a circular, não havia nenhum); e os dois colaboradores não se distinguiram por grande pujança modernista. *Orpheu* não pôde assim dar grande contributo para o “estreitamento das inteligências” portuguesas e brasileiras reclamada por Fernando Pessoa; mas não deixou nem deixa de ter grande relevância simbólica o facto de no Brasil ter sido lançada a sua “primeira semente” e de serem brasileiros os seus dois colaboradores estrangeiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista *Orpheu*; relações luso-brasileiras; modernismo.

---

*Orpheu*, como muitas revistas portuguesas anteriores ou posteriores, era um projeto luso-brasileiro, até para melhor garantir a sobrevivência. No frontispício do primeiro número aparecia o subtítulo “Portugal e Brasil” e era destacada a “Direção” para “Portugal” e para o “Brasil”, sendo até dados os endereços pessoais dos diretores Luís de Montalvor (“17, Caminho do Forno do Tijolo – LISBOA”) e Ronald de Carvalho (“104, Rua Humaytá – RIO DE JANEIRO”). Os dois tinham idealizado em conversas de Copacabana, em 1914, uma revista dos novos escritores de Portugal e do Brasil. Ronald manifestou-se empenhado na angariação de assinantes brasileiros da revista e publicou sete poemas no seu primeiro número, que previa vendas avulsas e assinaturas (quatro números) não só em “Portugal, Espanha e Colónias portuguesas”, ao preço de “30 centavos” e “1 escudo”, mas também no “Brasil”, ao preço de “1\$500 réis fracos” e “5\$000 réis (moeda fraca)”; e na indicação de “obras dos colaboradores” do primeiro

número não era esquecida *Luz Gloriosa*, de Ronald de Carvalho. Curiosamente, até a “depositária” da revista era a “Livraria Brasileira” da lisboeta Rua do Ouro.

### 1) O NOME DO *ORPHEU*

A ideia de se revelarem ou firmarem por meio de uma revista, meio de comunicação intermediário entre o peso do livro e a leveza do jornal ou do folheto que nos finais do séc. XIX ganhara o gosto de velhos e novos leitores, às vezes atraídos pelas ilustrações, muitos jovens autores portugueses, como outros estrangeiros, a tiveram; a ideia de uma revista como seria o *Orpheu* começou a definir-se quando Pessoa se desligou de *A Águia*, e foi sendo incubada quando Pessoa e Sá-Carneiro projetaram as revistas *Lusitânia* – de que em fevereiro de 1913 já havia um “plano completo” – e *Europa* – para a qual em 1914 ele já escrevera parágrafos de um manifesto. Projetos que eles rejeitaram desde logo por terem os limites que os nomes *Lusitânia* e *Europa* insinuavam. Mas o nome da revista que à partida conceberam como cosmopolita veio do Brasil, o que parece simbolicamente relevante, trazido por Luís de Montalvor, que desde os fins de 1912 aos de 1914 conviveu no Rio de Janeiro com jovens poetas que também sentiam a necessidade do mesmo tipo de revista, como pode deduzir-se de uma nota da revista carioca *Fon-Fon!* de 26 de abril de 1913 (“Todos estes belos espíritos que surgem [...] precisam iniciar um movimento em que o seu destaque seja decisivo e benéfico”) e da evocação que Montalvor fez do seu convívio carioca com Ronald de Carvalho: “Data dessa época a gestação, o plano, *in mente*, da fundação de uma revista eclética, repositório vivo, documentário incisivo dos vários modos de ser, dos anseios, das curiosidades estéticas da gente nova” (SARAIVA, 2004, p. 101). Ronald de Carvalho permite alguma dúvida sobre a responsabilidade da escolha do nome da revista: “Sabes que esse é o meu, antes, o nosso Orfeu, cuja primeira semente floriu ao pé das ondas de Copacabana” – escreveu ele em carta a Montalvor de Março de 1915; e em carta de abril de 1915 também falou do “nosso Orfeu”.

Mas Montalvor pareceu claro a garantir que foi ele o padrinho: “revista esta que mais tarde eu batizei com o título de Orpheu” (SARAIVA, 2004, p. 104). Fernando Pessoa confirmou a importância que Montalvor teve para o nome e o arranque da revista: “Em princípios de 1915 (se me não engano) regressou do Brasil Luís de Montalvor, e uma vez, em fevereiro (creio), encontrando-se no Montanha comigo e com Sá-Carneiro, lembrou a ideia de se fazer uma revista literária, trimestral – ideia que tinha tido no Brasil, tanto assim que trazia alguns poemas de poetas brasileiros jovens, e a ideia do próprio título da revista – Orpheu” (SARAIVA, 2004, p. 100); corrijo aqui ligeiros erros da transcrição que fiz do texto publicado por François Castex na revista *Colóquio – Artes e Letras*, nº 48, de abril de 1963, p. 59.

A verdade é que o documento em que aparece escrito pela primeira vez o título de Orpheu não se deve a Montalvor nem a Ronald de Carvalho, mas a Fernando Pessoa, que em 19 de fevereiro de 1915 anunciou a Armando Côrtes Rodrigues: “Vai entrar imediatamente no prelo a nossa revista, Orpheu” (PESSOA, 1999, p. 148).

## 2) A GRAFIA DO NOME ORPHEU

Fernando Pessoa escreveu Orpheu, com ph. Mas em tempos que já eram, imagine-se, de acordos e desacordos ortográficos, não faltava quem escrevesse com f, mesmo entre os colaboradores da revista. Ronald de Carvalho, por exemplo, usou sempre essa grafia nas cartas a Montalvor. Recorde-se aliás o que Almada Negreiros escreveu no *Diário de Lisboa* de 8 de março de 1935: que no *Orpheu* até a ortografia era a de cada autor.

Pensando que o nome da revista terá sido concebido em Copacabana não é difícil entender a preferência pela grafia com ph – porque toda a imprensa do Rio a usava então, quer na referência ao mito, quer na referência a espetáculos de música ou dança, quer em nomes individuais. Fica assim algo desfavorecida a hipótese da sugestão arcaizante (somada à do mito grego) que alguns viram nessa grafia, ou a de que o padrinho ou os padrinhos dela tinham imitado os da revista coimbrã de 1912, *Dionysos*, com y grego.

### 3) O TEMPO DE ORPHEU

De acordo com o testemunho de Carlos Maul, que na sua casa de Copacabana acolheu Montalvor, este “Tinha em mente realizar um poema intitulado «Orfeu», de revivescência do mito helénico” (MAUL, 1967, p. 165), que nunca concluiria.

É provável que o nome, o tema ou motivo de Orfeu já o tivesse levado de Portugal, quem sabe se trabalhado ou conjeturado com a ajuda de ventos culturais que sopravam de França e de que Montalvor muito gostava, como aliás inúmeros dos seus contemporâneos fora de França. Esses ventos não eram só literários (Orfeu foi celebrado por inúmeros autores franceses, como Nerval, Lecomte de Lisle, Valéry, Apollinaire...), porque podiam ser também visuais (Gustave Moreau, Ingres, Raoul Dufy...) e musicais, mesmo que com origens fora de França (Gluck, Liszt, Offenbach...), e podiam ser religiosos ou esotéricos, soprados até por seitas órficas, que em 1909 terão determinado o título da famosa obra de Salomon Reinach, *Orpheus- Histoire Générale des Religions*.

Não por acaso, encontramos o nome de Orfeu em obras de amigos cariocas de Montalvor, alguns dos quais foram convidados para colaborar no *Orpheu*: Ernani Rosas, que por sinal dedicou aos que chamou “irmãos de Salomé” – Montalvor, Mário de Sá-Carneiro e Ronald de Carvalho – o seu livro *Poema do Ópio* (1918), incluiu neste livro o soneto datado de 16 de Dezembro de 1913 que começa assim: “Trago de Hamlet a dúvida sombria, / de Orfeu o canto e a lira melodiosa”; Eduardo Guimaraens publicou na revista *Fon-Fon* de 23 de dezembro de 1915 um soneto intitulado “Orpheu”; e Homero Prates publicou em 1923 o livro que intitulou *Orfeu*. Quatro anos antes, o poeta Olavo Bilac, que sem dúvida marcou o poeta da *Mensagem*, deixara no livro *A Tarde* (1919) o célebre poema “A morte de Orfeu” (BILAC, 1996, p. 266):

*Luz da Grécia, pontífice de Apolo,  
Orfeu, despedaçada a lira ao colo,  
A carne rota ensanguentando o solo,  
Tombou... E abriu-se em músicas o chão...*

Curiosamente, no discurso com que em 1916 o saudou numa homenagem em Lisboa, Guerra Junqueiro falara nos “novos Orfeus” do Brasil (MONTEIRO, 1936, p. 59). Que não seriam certamente o “Orpheu do silogismo” que alguém quis ver mais ou menos por essa altura no orador, jurista e polemista Rui Barbosa, ou o “Orpheu do seringal” que o poeta Humberto de Campos quis ver no irapurú (CAMPOS, 1917, p. 203):

*Dizem que o irapurú, quando desata  
A voz – Orpheu do seringal tranquilo –  
O passaredo, rápido, a seguiu-lo  
Em derredor agrupa-se na mata.*

Mas a imprensa carioca das décadas de 10 e 20 publicou outros poemas inspirados em Orfeu, como os de Ludgero Alves Cabral (*O Malho*) e de Francisco Ricardo (*O País*), antecessores de outros textos bem mais memoráveis, como *A Invenção de Orfeu* (1952) de Jorge de Lima, o *Orfeu da Conceição* (1954) de Vinicius de Moraes, ou o famoso “Exergo” (1970) de Murilo Mendes (“Orfeu Orftu Orfele / Orfnós / Orfvós / Orfeles”) – sem esquecer poetas mais recentes como Adriano Espínola, Geraldo Carneiro e Rodrigo Petronio, estudados por António Donizeti Pires (PIRES, 2011).

Na imprensa carioca também comparecia com alguma frequência o nome “Orpheu”, fosse a propósito de um concerto em que por exemplo se tocou ou cantou Gluck, ou de algum balé, protagonizado por exemplo por Isadora Duncan, ou de alguma lenda, oferecida em folhetins, ou da inauguração de uma loja teosófica (na Rua do Catete, 287, em 30 de setembro de 1919), ou fosse até a propósito de alguma pessoa, como “o sr. e a sr<sup>a</sup> Orpheu” (num jornal de 11 de abril de 1915), ou como os senhores Orpheu da Silva Rodrigues, Orpheu Frederico Cunha e Eugénio Orpheu, este, ao que parece, autor de uma serenata que, dizia o jornal, só pelo nome já garantia a boa execução. (Oh, também encontrei no jornal carioca *O País* a de 1 de Janeiro de 1912 a referência a um aluno do colégio Pedro II chamado Fernando Pessoa – que obviamente ninguém confundiria com o Fernando Pessoa que assinava várias traduções da obra em 24 volumes que nesse ano ou no início do seguinte se vendeu no Brasil com o título *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*).

Diga-se a propósito, para surpresa ou espanto geral, que os quatro diretores de *Orpheu* – Montalvor, Ronald, Pessoa, Sá-Carneiro – já em 1914 marcavam presença na cultura brasileira, e tinham estabelecido relações entre si.

#### 4) A RECEPÇÃO DO ORPHEU NO BRASIL

Projetada no Brasil como uma revista para Portugal e o Brasil, a revista *Orpheu* só se valeu da colaboração de dois brasileiros, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens, numa desproporção enorme. Por outro lado, o diretor brasileiro do primeiro número foi afastado e substituído, apressadamente, e talvez sem nenhuma explicação direta dos novos diretores, que na explicação pública nem se preocuparam em referir o seu nome, como se só devessem uma explicação ao outro diretor substituído; veja-se o que escreveram no próprio *Orpheu*, número 2:

*Várias razões, tanto de ordem administrativa, como referentes à assunção de responsabilidades literárias perante o público, levaram o comité redactorial de ORPHEU a achar preferível que a direção da revista fosse assumida pelos actuais directores, não envolvendo tal determinação a mínima discordância com o nosso camarada Luís de Montalvor, cuja colaboração, aliás, ilustra o presente número.*

Tudo leva a crer que nem foi enviada para assinantes brasileiros, que Ronald de Carvalho supostamente angariara, a revista que, inesperadamente, se esgotou em Portugal em duas semanas. Porque nunca encontrei notícia ou rasto de algum exemplar que tivesse pertencido a Ronald ou a outro escritor brasileiro. Até hoje só me foi dado saber de um exemplar que chegou a uma revista carioca, que deu o *Orpheu* como uma “publicação que honra sobremaneira os centros intelectuais portugueses e brasileiros”, por isso lhe desejando “o mais brilhante futuro”, e que até louvou o seu papel de “superior qualidade”, garantindo que podia “mesmo sofrer o confronto” com duas das mais cotadas publicações parisienses (SARAIVA, 2004, p. 512).

Supunha eu que esta era a única referência da imprensa brasileira de 1915 ao Orpheu, mas descobri recentemente que outra publicação carioca, o *Correio da Manhã*, publicou em 15 de outubro de 1915 a longa crônica intitulada “Novo Orpheu” – que, no entanto, foi enviada de Lisboa pelo português Sousa Costa, nascido em 1879, bacharel de direito pela Universidade de Coimbra, escritor de várias espécies textuais, e camilianista. Nessa crônica, o autor começa por dizer que não sabe “se já chegou ao Brasil o eco da música do novo Orpheu – o verdadeiro”, pois o outro, o da Grécia, “não está averiguado se existiu”; e garante que “para a história, para o mais luzido dos seus altares, entrou já, e não conta senão três meses, o Orpheu actual”. Por este início, não seria difícil adivinhar que estávamos perante mais um dos muitos textos que pretenderam atacar ou gozar com o *Orpheu*. E o que vinha a seguir não fugia ao modelo instaurado pelo diário lisboeta *A Capital*, que logo em 30 de março de 1915 – quer dizer, quatro ou cinco dias depois da publicação da revista – em duas colunas da primeira página denunciava a “paranoia” dos colaboradores de *Orpheu*, que pertenceriam a “uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios”. Sousa Costa dispensou os comentários depreciativos: “devo, antes, para sua glória /do *Orpheu*/ e vossa satisfação, deixar que ele fale, e vos infiltre no cérebro a atividade clara da sua música”. Assim, passou a transcrever passagens de colaborações do nº 2 de *Orpheu* – da autoria de Ângelo de Lima, Mário de Sá-Carneiro e Álvaro de Campos -, gracejando também sobre a colaboração plástica de Santa Rita Pintor, para no fim insinuar, numa historieta, que, como dissera *A Capital*, se tratava de “artistas de Rilhafoles”.

Os leitores brasileiros do *Correio da Manhã* devem ter ficado esclarecidos sobre a importância do *Orpheu* – e gratos por tão “engraçada” prosa que lhes chegara de Portugal.

## 5) AS COLABORAÇÕES BRASILEIRAS DO ORPHEU

Ronald de Carvalho só colaborou no primeiro número de *Orpheu*, com cinco sonetos e mais dois poemas em quadras; no segundo compareceu Eduardo Guimaraens com três poemas, um dos quais – “Sob os teus

olhos sem lágrimas” – saíra na revista carioca *Fon-fon!* quatro meses antes da sua publicação na revista portuguesa; e nos projetos do n.º 3 já não entrou nenhuma colaboração de brasileiros.

Mas por uma carta de Ronald a Montalvor, que publiquei no livro *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*, sabemos que foram previstos outros colaboradores brasileiros, mais ou menos coetâneos dos portugueses: Álvaro Moreira, Homero Prates, Alcides Maia, Graça Aranha – que, como Ronald, ganharia grande relevância em tempos modernistas do Brasil – e Ernani Rosas. No minucioso e erudito *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1973) diz Andrade Muricy que este último colaborara no *Orpheu*. Quando lhe perguntei onde ou como obtivera essa equivocada informação ele respondeu-me que a obtivera da boca do próprio Ernani Rosas, a quem é certo que em março de 1915 Luís de Montalvor dirigiu, por intermédio de Ronald de Carvalho, uma carta a pedir colaboração para a revista, “este sonho enorme que vamos realizar” (SARAIVA, 2004, p. 111-112).

Montalvor tinha-se tornado seu amigo quando viveu no Rio de Janeiro, dos fins de 1912 aos de 1914, altura em que também se familiarizou com outros jovens escritores, como Eduardo Guimaraens, Ronald de Carvalho e Carlos Maul, e foi referenciado pela imprensa carioca. O que é espantoso é que, como já referi, os dois outros escritores portugueses mais responsáveis pelo *Orpheu* também então apareceram na imprensa carioca. Mário de Sá-Carneiro teve textos seus publicados em 1913 na carioca *Gazeta de Notícias* e em 1914 nas revistas *Fon-fon!* e *Careta*, recebendo elogios públicos de Carlos Maul e de Ronald de Carvalho, e influenciando claramente, entre outros, Ernani Rosas, por sinal autor de um já referido soneto datado de 16 de dezembro de 1913 em que fala de Orfeu, e esquecido poeta justamente valorizado pelo poeta e ensaísta Augusto de Campos. E o nome de Pessoa, que alguns brasileiros devem ter lido logo em 1912 em *A Águia* (que tinha muitos leitores no Brasil), surgiu pela primeira vez na imprensa brasileira – na *Gazeta de Notícias* – em 15 de junho de 1913, graças a Mário de Sá-Carneiro, que lhe dedicou “O homem dos sonhos”. Só que por essa altura, sem que ninguém o assinalasse,



ele também comparecia, assinando traduções, em volumes da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, que entraram em muitas casas brasileiras – incluindo a de Carlos Drummond de Andrade, então com 11, 12 anos de idade, que os guardaria ao longo dos anos no seu escritório carioca e até lhes dedicaria um poema. Assim, mais estranho parece que a publicação de *Orpheu* passasse despercebida no Brasil, em contraste com o que aconteceu em Portugal.

Apesar de não ser tipicamente modernista, não se pode dizer que carecia ou carece de interesse a colaboração dos dois brasileiros de *Orpheu*. Os poemas de Ronald de Carvalho antecipam o penumbrismo que ele próprio teorizou em 1921, antes de dar o salto para o verso livre ou para os jogos rítmicos e subtis de *Epigramas Irônicos e Sentimentais* e de *Toda a América*: neles deparamos com atmosferas crepusculares, sombrias ou lunares e com um sentimentalismo romântico e decadentista em que todavia assomam sugestões modernistas (a alma dividida, o sujeito que se estranha, a perda da razão), assim como deparamos com um vigiado gosto de metáforas simbolistas e com uma enunciação elegante e depurada. Os poemas de Eduardo Guimaraens, bem esculpidos ou construídos, denunciam o seu treino de tradutor de poesia, ou a sua boa leitura de bons poetas portugueses como Cesário Verde e franceses como Mallarmé, e afastam-se de estereótipos parnasianos ou simbolistas pela gravidade dos motivos e por delicadas transições entre o subjetivo e o objetivo.

\*

O *Orpheu* não pôde contribuir muito para o estreitamento das inteligências portuguesas e brasileiras, como Pessoa e os seus companheiros desejavam. O movimento modernista brasileiro, que teve a sua epifania em São Paulo durante a Semana de Arte Moderna de Fevereiro de 1922, seria certamente ainda mais fecundo se alguns dos que nele militaram se tivessem apercebido de que Portugal não estava a pedir nenhuma “câmara funerária”, como supôs Graça Aranha, nem era “um povo que gerou *Os Lusíadas* e morreu”, como supôs o próprio Drummond numa boutade de 1924.

Mas o facto de ter sido no Brasil que foi lançada a “primeira semente” do *Orpheu*, como disse Ronald numa carta enviada a Montalvor em março de 1915 (SARAIVA, 2004, p. 336), ou o facto de nele terem colaborado dois brasileiros – e nenhuns outros estrangeiros – transporta certamente um alto valor simbólico, tanto mais que, como em Portugal, já são hoje numerosos no Brasil os estudos sobre a revista “extinta e inextinguível” (Pessoa), ou sobre o movimento que ela produziu, e ainda não parou.

.....

#### THE *ORPHEU* MAGAZINE AND BRAZIL

##### ABSTRACT

*Orpheu*, the first and most relevant magazine of the Portuguese modernist movement, was intended to be a Luso-brazilian publication: it was designed in Brazil, it had a Brazilian co-director and it should have been sold in Brazil. Nevertheless, in each of the two printed issues there was only one Brazilian collaborator (in the third issue, printed but never distributed, there was none), and neither was known for a particular modernist vigor. *Orpheu* could not provide a big contribution to the “tightening” of Portuguese and Brazilian intellectuals, as Fernando Pessoa had claimed. But it was and it is still of great symbolic importance that the two foreign collaborators were Brazilians, and the projects’ “first seeds” were launched in Brazil.

KEYWORDS: *Orpheu* Magazine; Portuguese-Brazilian relations; modernism.

---

#### LA REVISTA *ORPHEU* Y EL BRASIL

##### RESUMEN

*Orpheu*, la primera y más importante revista del modernismo portugués, quería ser una publicación luso-brasileña: concebida en Brasil, uno de sus dos primeros directivos era brasileño, y debería ser también vendida en Brasil. Pero en cada uno de sus dos números solo colaboró un poeta brasileño (en el tercero – que, impreso, no llegó al público – no colaboraba ninguno); y los dos colaboradores no se distinguían por su energía modernista. Así *Orpheu* no ha podido contribuir mucho a la “unión de inteligencias” portuguesas y brasileñas que Fernando Pessoa

reclamaba; pero tuve y tendrá importancia simbólica el hecho que en Brasil fué lanzada su “primera simiente” y que fueran brasileños sus dos colaboradores extranjeros.

PALABRAS CLAVE: Revista *Orpheu*; relaciones luso-brasileñas; modernismo.

---

## REFERÊNCIAS

BILAC, Olavo. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.

CAMPOS, Humberto de. *Poeira*, 2ª série, 1911-1915. Porto: impresso na Empresa Literária e Tipográfica para a Editora Leite Ribeiro & Maurillo, (1917).

MAUL, Carlos. *O Rio da Bela Época*. Rio de Janeiro: Livraria S. José, 1967.

MENDES, Murilo. *Convergência*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

MONTEIRO, Mário. *Bilac e Portugal*. Lisboa: Agência Editorial Brasileira, 1936.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1905-1922*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PIRES, António Donizeti. “Perfis de Orfeu na poesia brasileira recente”, in *Texto Poético*, v. 7, n.11, p.1-14, 2011. Disponível em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/issue/view/14/showToc>>.

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Campinas: Unicamp, 2004.

---

Submetido em 15 de março de 2018

Aceito em 20 de abril de 2018

Publicado em 30 de julho 2018

---